

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Nicolás Maduro está preso nos EUA desde janeiro

Maduro manda mensagem após audiência nos EUA

O ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, afirmou estar “bem” em uma publicação em sua conta no X neste sábado (28) e fez um apelo por união nacional, reconciliação e para que a população siga “consolidando a paz do país”. Maduro disse estar “firme, sereno e em oração permanente”, ao lado da esposa Cilia Flores, também presa. Ambos estão sob custódia em Nova York, onde respondem a acusações de narcotráfico após serem capturados em uma operação americana realizada em 3 de janeiro.

No texto, Maduro afirmou ter recebido manifestações de apoio e agradeceu mensagens enviadas por aliados. Segundo ele, “cada palavra de amor” e “cada gesto de carinho” têm servido como fonte de força espiritual durante a detenção.

Apelo político aos venezuelanos

Maduro também fez um apelo político ao país, defendendo a necessidade de união entre os venezuelanos e um processo de reconciliação nacional. Na mesma mensagem, pediu que a população continue trabalhando pela estabilidade institucional, para “consolidar a paz do país”. Segundo pessoas próximas disseram à AFP, o ex-presidente está em uma cela com acesso restrito a comunicação, podendo falar por telefone com familiares e advogados por, no máximo, 15 minutos.

Departamento de Guerra dos Estados Unidos



Trump acompanhou em tempo real, a captura de Maduro

Maduro compareceu a tribunal

Na última quinta-feira (26), Maduro compareceu a um tribunal de Nova York pela segunda vez desde sua captura. A audiência durou pouco mais de uma hora e terminou sem uma decisão a respeito do pagamento da defesa de Maduro e de sua esposa, já que as sanções dos EUA proibem o uso de fundos do regime venezuelano para isso. O casal só saiu da prisão antes para a primeira audiência, em que o chavista se declarou “prisioneiro de guerra” e afirmou ser inocente das acusações de tráfico de drogas.

Por Vitor Hugo Batista (Folhapress)

Espanha fecha espaço aéreo aos EUA

O governo da Espanha anunciou na segunda (30) a proibição de aviões militares dos EUA envolvidos na guerra no Irã em seu espaço aéreo. “Não autorizamos nem o uso de bases militares nem o uso do espaço aéreo para ações relacionadas à guerra no Irã”, afirmou a ministra da Defesa, Margarita Roble, a repórteres em Madri.

Por Folhapress

Mianmar em crise

Num movimento dos militares para manter o controle político de Mianmar sob a aparência de um governo civil, o general Min Aung Hlaing deixou nesta segunda-feira (30) o comando das Forças Armadas para disputar a Presidência, cinco anos após o golpe de Estado que derrubou a administração eleita.

Decisão polêmica

A decisão ocorreu após eleições gerais realizadas de dezembro a janeiro e vencidas por um partido apoiado pelos militares. Na ocasião, o PSDU (Partido de Solidariedade e Desenvolvimento da União), legenda vencedora, conquistou 193 dos 209 assentos na Câmara baixa e 52 dos 78 assentos na Câmara alta.

Crítica da ONU

O pleito recebeu críticas das Nações Unidas (ONU) e de vários países, que o classificaram de farsa. Também se dá num momento de crise política no país.

O golpe que retirou do poder o governo eleito liderado por Aung San Suu Kyi, vencedora do Nobel da Paz, motivou protestos massivos.

Repressão das FA's

E as Forças Armadas passaram a reprimir os atos com violência, o que desencadeou uma guerra civil ainda em curso. O conflito já deixou pelo menos 93 mil mortos, deslocou mais de 3,6 milhões de pessoas e agravou a situação de uma economia já fragilizada, de acordo com estimativas citadas pela agência Reuters.

De líder a presidente

A junta organizou novas eleições, das quais foram excluídos o partido de Suu Kyi e grupos de oposição, o que garantiu a vitória dos militares. Analistas apontam que a candidatura de Min Aung Hlaing à Presidência é um objetivo antigo. “Sempre foi esse o plano: passar de líder militar a presidente”, disse o analista Htin Kyaw Aye.

Eleição indireta

Eleição em Mianmar é indireta e ocorre com participação do Parlamento. Deputados da Câmara Baixa indicaram dois nomes para vice-presidente, entre eles, o de Min Aung Hlaing. A Câmara Alta ainda deve escolher outro candidato, e os três serão submetidos a votação para a escolha do presidente.

Por Folhapress



Crise causou apagões e deterioração do atendimento médico

Cuba recebe petroleiro russo com aval dos EUA

Kremlin disse que é seu dever apoiar os ‘países amigos’

Por Folhapress

A Rússia confirmou nesta segunda-feira (30) que um petroleiro carregado de petróleo bruto chegou a Cuba, após três meses de um bloqueio imposto à ilha pelos Estados Unidos. O Kremlin também disse que pretende manter o apoio ao regime com o envio de novos carregamentos.

Donald Trump vinha aplicando um bloqueio de petróleo ao redor de Cuba desde janeiro, ameaçando impor tarifas a países que continuassem exportando petróleo para o país caribenho. Não está claro por que a Casa Branca decidiu agora permitir que a Rússia leve petróleo a Cuba, nem se permitirá futuros carregamentos.

No domingo (29), Trump indicou uma mudança de postura ao expressar solidariedade com os cubanos que vivem com falta de serviços básicos devido à severa crise energética que afeta a ilha. “Se um país quiser enviar petróleo para Cuba agora, não tenho problema nenhum com isso, seja a Rússia ou não”, disse o presidente a jornalistas a bordo do Air Force One.

No mesmo dia, o navio Anatoly Kolodkin, que carregava 730 mil barris de petróleo, aguardava para descarregar no porto de Matanzas.

O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, afirmou nesta segunda que a questão foi debatida em conversas com autoridades americanas, e ressaltou que Moscou considera seu dever apoiar “países amigos”,

como Cuba. “Estamos satisfeitos que esta carga de derivados de petróleo chegue à ilha, ou melhor, que já tenha chegado”, disse.

A chegada do navio poderá dar ao país pelo menos algumas semanas antes que suas reservas de combustível se esgotem, segundo análises. De acordo com o líder de Cuba, Miguel Díaz-Canel, o regime não recebia petróleo havia três meses.

Desde a Revolução de 1959, Cuba tornou-se dependente do fornecimento externo de petróleo, inicialmente da União Soviética. Hoje, precisa importar óleo combustível e diesel para manter sua geração de energia.

Questionado sobre a possibilidade de novos envios, Peskov afirmou que a situação “desesperadora” enfrentada pelos cubanos não deixa a Rússia indiferente. “Vamos continuar trabalhando nisso”, disse.

O jornal The New York Times havia revelado que a Casa Branca permitiria a chegada dos navios carregando petróleo. Segundo a publicação, os militares americanos reduziram sua presença no Caribe desde antes do início da guerra no Irã, mas a Guarda Costeira ainda tem duas embarcações na região que poderiam ter tentado interceptar o navio-tanque. No entanto, o governo Trump não ordenou que esses barcos agissem.

O bloqueio de petróleo dos EUA vem sufocando o país, levando a apagões diários, grave escassez de gasolina, preços disparando e deterioração do atendimento médico.